

3.4. CRÓNICA

3.4.1. TEORIA

NATUREZA

A crónica é uma informação comentada⁴⁴. Deste modo, nasce da notícia e do acontecimento, tendo em muitos periódicos um dia certo da semana para aparecer. Goza de uma grande liberdade de extensão e de estilo, ao depender muito das marcas do seu autor, nunca dispensando, porém, as três qualidades dos textos informativos: concisão, clareza e captação do leitor. Quanto à sua natureza, ela participa de uma certa ambivalência informativo-interpretativa, o que leva os autores a dividirem-se na sua colocação entre os textos informativos ou entre os interpretativos⁴⁵.

ESTILO

A crónica apresenta um estilo muito variado, atendendo ao estilo do autor e ao tipo de crónica. Apesar de tudo ela exige uma grande disciplina mental, pondo-se de lado a improvisação e a criação literária. A estrutura mais aconselhada é a da reportagem de acção (ou *action story*) num estilo directo e simples, essencialmente objectivo, mas ao mesmo tempo com uma focagem e uma avaliação pessoal.

O CRONISTA

É uma pessoa especializada, “um entendido”, como se costuma dizer, devendo, portanto, estar atento ao que acontece no âmbito da sua temática que possa interessar ao público. Espera-se, depois, que comente essas novidades avaliando-as, relacionado-as com a actualidade e manifestando os aspectos que as rodeiam e lhes dão sentido.

⁴⁴ BIBLIOGRAFIA (específica)

MARTIN-LAGARDETTE, Jean-Luc, *Guide, Les Secrets de l'Écriture Journalistique. Informer, Convaincre*, Paris, Syros, 1987, p. 84.

NÚÑEZ, Fernando García, *Como Escribir para la Prensa*, Madrid, Iberico Europea, 1985, pp. 59-69.

TORRIENTE, G. F. de la, *Como Escribir Correctamente. La Comunicación Escrita*, Madrid, Playor, 1990, pp. 66-68.

⁴⁵ “A crónica é uma forma de escrita que ou surge por algum imperativo de ordem subjectiva e sem motivação próxima aparente, ou então, o que é mais da natureza desta forma, nasce da força apelativa de acontecimentos que pedem que deles se fale”.

João Barrento, “Escrever em Sarajevo”, in “Leituras”, *Público*, 93-12-18, p. 7

TIPOS

Os tipos mais frequentes de crónicas são: de sucesso, desportiva, local, de correspondente no estrangeiro.

A *crónica de sucesso* trata de acontecimentos de interesse humano, isto é, sem qualquer relação com a política, a economia ou a cultura. Nela encontramos relatos sobre homicídios, catástrofes, acidentes e ainda atentados contra o sexo ou a propriedade privada. O estilo deve ser simples e directo, com um tom familiar e quase paternalista pois, frequentemente, dirige-se a pessoas sem grande desenvolvimento intelectual.

A *crónica desportiva* explica o sucesso desportivo do dia-a-dia, nas diferentes modalidades. Ao lado do relato do que aconteceu, avalia a qualidade do jogo e a estratégia ou a tática, colocadas no terreno. As exigências estilísticas da crónica desportiva são a forma cuidada, acessível a todos os públicos, e a clareza.

A *crónica local* é a que narra os acontecimentos mais significativos de uma localidade ou região, relativos à vida social, cultural, nocturna... O fundamental é interpretar os factos com um sentido de universalidade, não caindo na adulação nem no elogio fácil.

A *crónica de correspondente* no estrangeiro tem como missão recolher e enviar notícias para o jornal. Pode ainda ter uma função orientadora, comentando as notícias transmitidas. O correspondente deve ocupar-se de notícias que passam à margem das agências noticiosas, escolhendo aquelas que achar mais interessantes para os leitores do seu jornal e deve conhecer bem o país e as suas gentes.

3.4.2. EXEMPLO

CRÓNICA

LOS ANGELES

SEMPRE À ESPERA

O futebol espanhol, nosso único vizinho, não pára de nos fornecer bons exemplos de reflexão. Um deles é o desta renovada equipa comandada por Javier Clemente, o mais categorizado treinador espanhol e que, por isso mesmo, ascendeu ao cargo de seleccionador nacional. Em Espanha, como em qualquer país com uma opinião pública minimamente exigente, seria impensável colocar à frente da selecção um técnico de terceira linha, baratinho, sem clube que o queira, amigo da malta, com um irmão porreiro e que é um alho nos negócios.

Nada disso.

Clemente é o número 1, competente, caríssimo, tem muitos clubes interessados, cultiva alguns inimigos por força do hábito de andar de espinha direita (veja-se a polémica que não tem medo de travar com Cruyff) e dá-se ao luxo de não ter nenhum padrinho na família. Ou seja, em Portugal poderia treinar o Benfica (há alguns anos, o clube da Luz esteve interessado nele), o FC Porto ou o Sporting, clubes em que quem paga é exigente e tem por detrás uma massa associativa que não comeria por muito tempo gato por lebre. Nunca a selecção.